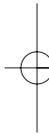
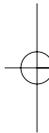




## *Contemporânea*





## ONDJAKI \*

### *fio de tarde*

[para o raduan]

rasgava a pele – quase um arrepio.  
 julguei estar a lembrar, na pele, beijinhos de alforreca.  
 arrepia o dorso e me desertificava todo para a passagem  
 de camelos, formigas ou piolhos. até viajei *no antigamente,*  
*na infância:* banho para mim era um grande perigo.  
 quase representava travessia de ego. a minha mãe era guia  
 e carrasca – sorrisos dela.  
 rasgava a pele – quase um prazer.  
 espreitei a sensação  
 com o olho cego  
 do morcego  
 e vi:  
 não era de rede, não era de teia,  
 era um fio de tarde empanturrado de brandura.

\* Nasceu em Luanda, em 1977. Prosador. Às vezes poeta. Escreve para cinema e co-realizou um documentário sobre a cidade de Luanda (*Oxalá Cresçam Pitangas – histórias de Luanda*). É membro da União dos Escritores Angolanos. É licenciado em Sociologia.

*um lugar*

era um lugar no telhado da cidade  
com  
senhoras de olhos calmos  
e moscas gordas.  
um sino abençoou o silêncio.  
uma nuvem roçou a igreja  
cumprimentando árvores  
velhos e  
pássaros.  
era um lugar onde as sombras  
se afogavam – náufragas  
e regressavam ao mundo em silêncio – sobreviventes.  
dali  
as pessoas emprestavam os pés às pombas  
e elas roçavam os telhados  
para cumprimentar as casas.  
certa manhã  
ali sentado  
ouvi o sino falar.  
não decifrei o murmúrio  
[não tenho o dom da quietude]  
mas embebi-me do essencial:  
aquele era também um deslugar  
– chão apropriado para repousar os dedos  
e esperar uma formiga passar.  
esperar a mordidela também  
sabendo-me vivo  
em corpo de sangue.

[o sino está a perturbar o silêncio doze vezes agora. a minha dúvida  
é muito esta: a quem se prostitui o sino? boa questão para colocar  
às pombas...]